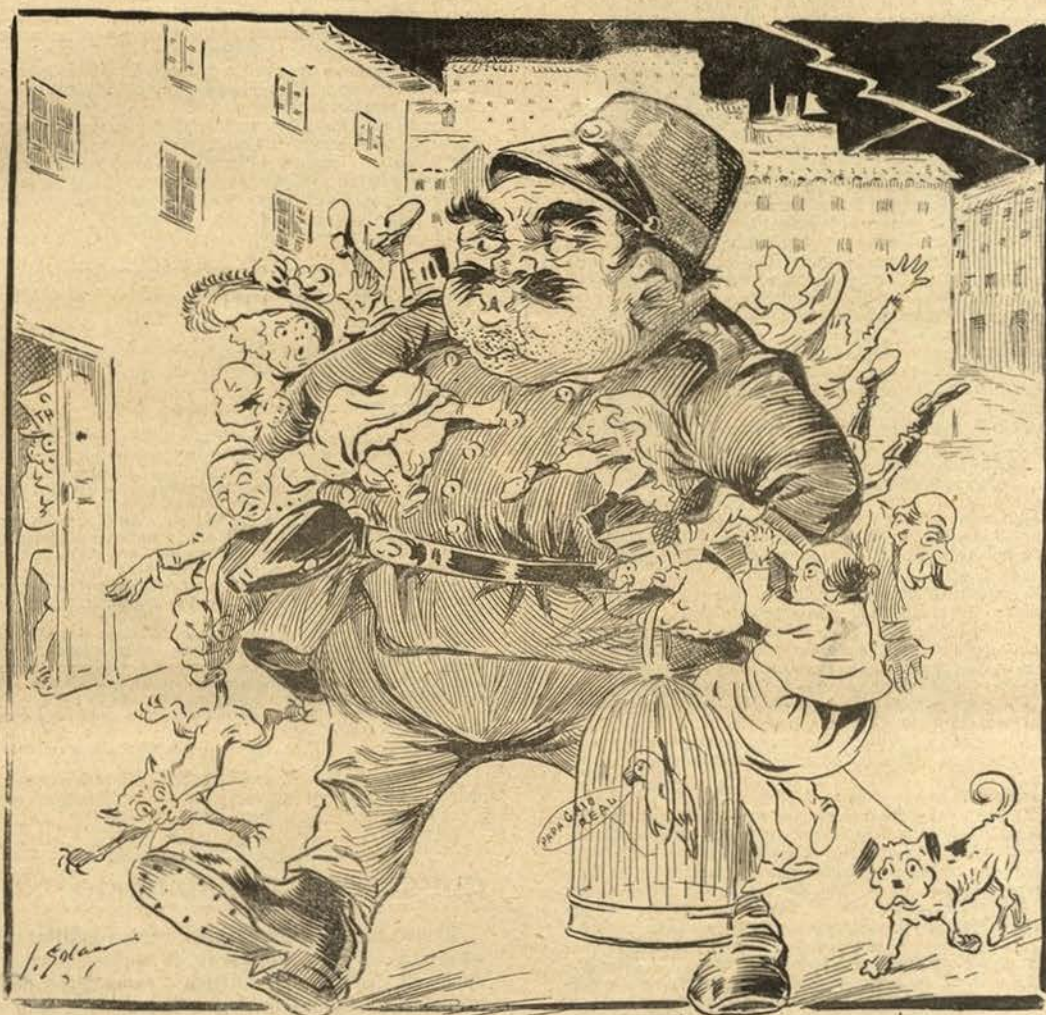




## TEMPO BORRASCOSO



O Thalassa: — Sempre faz uma ventania lá fóra . . .

## A VIDA É UMA CEBOLA...

Os leitores talvez quizessem commentarios sobre o 21 de outubro, mas não pode ser por varias razões... e mais uma, a qual vem a ser a indole d'este jornal, que é unicamente humoristico, pois para rir e chuchar de todos que o merecerem, nasceu, e assim espera viver. Se em vez de vencidos, os monarchicos fossem vencedores, não julguem que o *Thalassa* tinha terminado a sua missão. Nada d'isso. Continuáramos apreciando os ridiculos dos novos politicos como o temos feito dos republicanos, com a differença só de que então descançariam os vermelhos e dançariam os azues, que, com certeza, tambem muito de interessante haviam de offerrecer á nossa critica.

A pratica que temos da vida e o profundo conhecimento dos homens d'este meio onde vivemos, convenceu-nos ha muito de que a melhor forma de supportar todas as desillusões d'este valle de lagrimas é encaras as coisas pelo lado comico. E adoptando a divisa: *ridendo castigat mores*, temos conseguido ao menos livrar-nos d'um ataque de *spleen*, concorendo tambem um pouco (modestia á parte) para livrar o proximo d'esse mal. Dizia um philosopho patusco que a vida é uma cebola que se descasca a chorar. Pois a nossa missão é attenuar esses effeitos cebolorios.

De resto, aquillo de 21 d'outubro foi um tremendissimo fiasco que só fez bem ao governo. Se fôsse esse o fim em vista, nem de encomenda conseguiriam arranjar coisa mais bem feita.

Como o sr. Affonso Costa, o sr. Borges, o sr. Estevão, a sr.<sup>a</sup> Veneranda Reliquia, o sr. Moleque e tantos outros se hão-de ter rido! E tem razão. Elles é que dizem bem: não ha monarchicos.

Sim, senhores, apoiado! Não ha, nem nunca os houve. A confirmar esta verdade existem innumeradas provas, não só de agora, mas do tempo da outra senhora.

O Rei D. Carlos é que conhecia bem isto tudo, e como elle, só João Franco, que, quando alguém ia lá ao seu exilio de Biarritz falar-lhe em conspirações, fazia gestos symbolicos, correndo com o thalassa sonhador.

Para nós, a segunda incursão, em julho do anno passado, foi a demonstração evidente de que nunca dariam effeito as conspirações, que só teem servido para lançar na amargura e na miseria alguns centos de familias.

Ahí está mais uma prova e podem limpar as mãos á parte pela bella obra que arranjaram.

Admiram-se dos resultados? Pois isso só demonstra ingenuidade.

Então o que queriam que o governo fizesse, e de mais a mais presidido pelo sr. Affonso Costa? Ora deixem-se d'isso! Olhem, *apezar de tudo*, ainda todos os que não sejam democraticos devem dar graças a Sua Omnipotencia, porque a verdade é que se o sr. Affonso Costa quizesse, se ao sr. França Borges tivesse appetecido, a força já podia ter trabalhado sem novidade de maior e... não trabalhou.

A occasião tinha sido excellente, mas não a quizeram aproveitar. Generosidade, muita generosidade.

Obrigado, compadre Affonso! Obrigado, amigo Borges! Seriamos ingratos se em nome dos thalassas não prestassemos aqui a devida gratidão. Se Vossas Mercês quizessem, todos nós a estas horas podiamos estar já reduzidos a cisco, a pó, a a terra, a cinza, a nada, que ninguém levantaria um protesto.

Palavra, até dá vontade de adhesivar.

Mas deixem lá! A gente que veja agora alguém a fazer opposição ao sr. Affonso Costa, que comnosco se tem que haver.

Atrevam-se, se são capazes.

Ah! que se nós lhe pudessemos substituir o democratico chapéu molle por uma corda real, então sim, então é que Sua Omnipotencia ficava uma flor cá para a thalassaria!

Mas não perdemos a esperanza de o conseguir.

Depois do que temos visto, das desillusões soffridas, das ridiculas fantochadas a que temos assistido, depois de tanta coisa mal cheirosa que temos presenciado, o nosso homem é Elle, porque d'este dilemma é que não se pode sahir: ou o sr. Affonso Costa é um grande homem, um estadista de primeira grandeza, um marquez de Pombal authentico, e o partido democratico representa a maioria da nação, contando no seu seio as classes mais poderosas com os seus mais importantes elementos, e n'este caso devemos curvar perante tão grande força politica, visto representar o paiz, ou não são nada d'isto e são tudo o que para ahí se tem dito, e

n'este caso então os thalassas ainda são mais insignificantes, mil vezes mais cretinos, um milhão de vezes mais ineptos, cobardes e ridiculos, devendo... ir despir-se sem hesitar.

Deixemos a resposta á escolha do leitor, mas em qualquer dos casos Elle merece ser coroado imperador, porque se na terra dos cegos quem tem um olho é rei, na terra dos eunucos... quem o não fôr, é sultão! Ora o nosso compadre Affonso é o unico que tem mostrado estar nas condições... por ausencia de condições nos outros.

## Á "NAÇÃO," E AO "DIA,"

Sabem bem estes nossos prezados collegas quanto sentimos a violencia de que foram victimas, para que seja necessario dizer-lh'o. Mas isso não impede que publicamente lhe testemunhamos a nossa magoa com os protestos da nossa insignificante mas sempre leal camaradagem.

A correção usada sempre por esses dois jornaes devia tel-os posto ao abrigo de eventualidades tão tristes como as da manhã de 21 d'outubro, mas infelizmente assim não aconteceu.

Poderiamos mostrar aos republicanos exaltados o que foi a campanha dos seus jornaes no tempo da monarchia (tão differente!) e lembrar-lhes que quando tentaram revoluções contra o regimen, nunca as suas redacções foram assaltadas. Mas não vale a pena, porque estamos certos que intimamente se hão-de ter lembrado de tudo isso.

Nem ao menos os cabellos brancos d'*avózinha* e os seus 67 annos de vida modelar d'abenegação e fidelidade por uma causa, fez parar os assaltantes!

Mas ha uma coisa que ainda mais compunge do que propriamente o escavacamento material: é o escavacamento moral do Sagrado Tribunal da Imprensa, assistindo impassivel, excepção feita ao *Ridiculus*, sem um protesto, sem uma palavra de magoa, á destruição violenta de dois collegas, sendo um d'elles o decano da imprensa portugueza!

Não, decididamente não podemos tomar esta vida a serio...

## DEVEM FICAR LINDAS!

Cá para nós não ha nada como o jornal das madamas da Liga. Estamos sempre anciosos que elle saia, e é uma pena que seja só uma vez por mez.

Ora gozem lá mais este bocadinho:

«Sempre o primeiro logar em toda a parte, porquê? Distingue-a o homem assim por estar convencido de que ela é sua inferior?»

Ora! Só para os negocios politicos é que ele pretexta a sua incapacidade, levando-a ao indecoroso degrau que o envilece, quando cuida encobrir a fealdade dos seus intuitos.

Felizmente são manobras que fizeram o seu tempo. De vez em quando se ouve o estalar dos fusis que formavam a degradante cadeia da nossa escravidão, ameaçando inverter as posições de escravo e senhor.

A verdade é como uma torrente caudalosa que trabalha incessantemente em aplanar os altos e baixos das consciencias até ao verdadeiro nivel do direito e do dever.

Que não sejamos as primeiras por havermos sido as ultimas, como prometeu o filho de Deus vivo, ao menos seremos definitivamente, e para todos os effeitos, iguaes perante mais rectos tribunaes, onde não haverá distincão de justos e réprobos, mas sómente irmãos para trabalhar com amor e sacrificio na felicidade de todos.

Oxalá que essa alvorada de redenção bem cedo surja com os seus beneficos raios.

Maria da P. Bastos Serpa.

Oxalá, D. Maria da P., oxalá que bem cedo surjam os taes beneficos raios, para nós termos o gosto de ver as madamas eguaes á gente.

Salvo seja...

## NUMERO EXTRAORDINARIO

Devido aos ultimos acontecimentos politicos, resolvemos adiar a publicação do numero extraordinario do «Thalassa» contendo a reportagem photographica das bodas de Sigmaringen, para data que opportunamente será annunciada.

Todas as requisições já feitas estão, porém, devidamente apontadas.

## UMA CARTA

*Meu mais querido amigo Jorge Colaço*

Aqui tens os clichés que me pedes para o teu jornal e que, como desejavas, conservei no meu poder todo este tempo, á espera que os jornaes de grande informação m'os viessem pedir. Não vieram; e sinto que tenhas mais essa desillusão. Mas... que queres? Tu és um pedaço d'asno... tu não me queres ouvir...

O *Diario de Noticias* lá alinhavou a noticia da captura do sr. Jorge Colaço. O *Seculo*, onde por signal trabalhaste dez



anos com dedicação... (lembra-te d'aquella occasião em que abandonaram o jornal nove dos seus redactores?) O *Seculo*? nem pio.

Tem paciencia, filho, e se como artista que és (permittle-me que t'o diga, já que não tens a *avósinha* nem jornaes thalassas



que te classifiquem) pode ter-te mortificado este silencio, certamente encontrarás lenitivo no sentimento de modestia que todo o homem deve sobrepor aos pruridos de notoriedade que todos nós temos sempre a cacarejar cá por dentro. Chucha e cala.

Ainda não recebeste da Sociedade Nacional de Bellas Artes, onde foste, como deves estar lembrado, presidente da Direcção quatro annos a fio, o mais pequeno signal de interesse a teu respeito, de forma que não sei, até ao presente, se estimaram a tua captura ou se deploraram a tua soltura ("honi soít qui mal y pense").

Aqui tens, pois, os clichés para o *Thalassa* (cruzes, canhoto) por numero de ordem.

1.º Retrato do assassino. — 2.º A caminho do calabouço com o policia captor. — 3.º No dito.

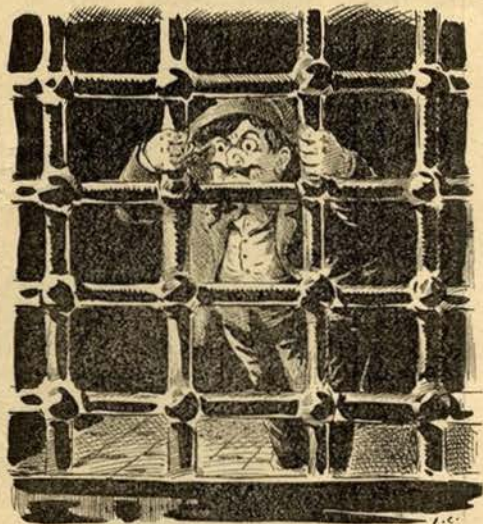
Não te mando o retrato do Julio do talho, chefe dos revolucionarios civis de Oeiras, que tantos e tão bellos bifés te forneceu durante a tua villegiatura, que tão bem comeste, pagaste, etc., e que foi quem promoveu as duas buscas a tua casa, porque, assim como nos seus jornaes elle não mandou publicar o teu retrato, tu no teu também não deves publicar o d'elle. Lembra-te do sapateiro de Braga; ou comemos todos ou haja moralidade. Ou nos retratamos todos...

Agora, meu caro Jorge Colaço, um bom conselho de amigo, de amigo como não tens outro... podes ter a certeza.

Não sejas parvo e deixa-te de thalassices. Dá ao teu jornal assim... um ar engraçado... bem sei que não tens graça nenhuma... mas, que diabo... copia a graça dos outros; isto não só é permittido, como até é apreciado. Olha, adhere. O Sebastião e a Sebastião não adheriram... em tempos?

Pois adhere tu também; isso até te fica bem.

Não adheriram em Madrid á causa monarchica, para a consolidação do prestigio mundial da Hespanha, o D. Melquiades



Alvarez; D. Benito Perez Galdós; e até quasi o sr Ascarate, não tem uma perna dentro e outra fora? Pois adhere também tu aqui; anda, mette a pata e não sejas parvo. Eu bem sei que tu não és nenhum D. Alvarez, nem nenhum D. Benito, e que a tua adherencia não servirá para a consolidação da Republica em Portugal; mas cre, meu filho, que em todo o caso servirá para consolidares as tuas costellas, o que já é alguma coisa.

As costellas integras? elle é barro!...

Basta de conselhos e vá lá um abraço sincero do teu melhor amigo

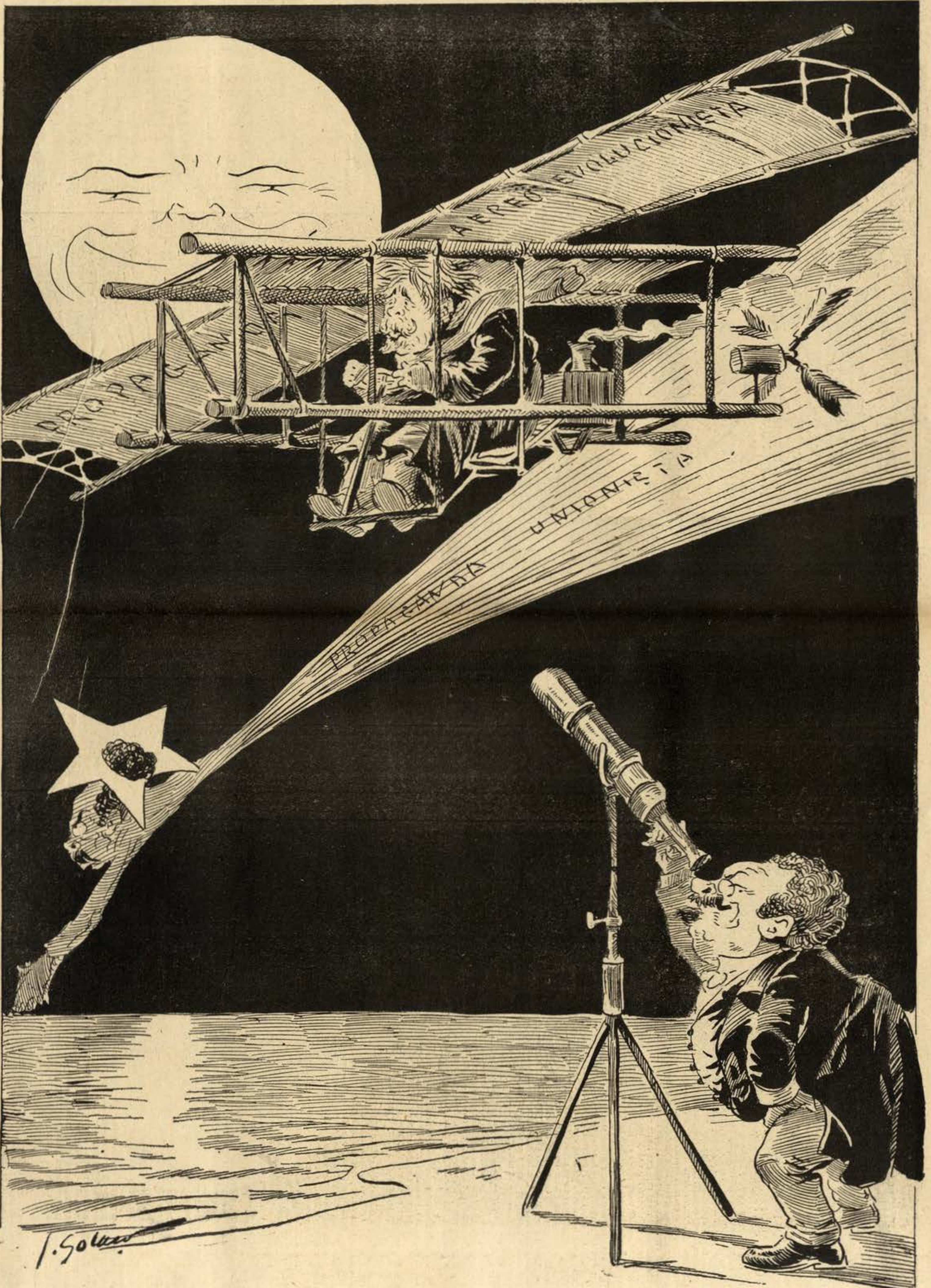
*Jorge Colaço.*

## "O THALASSA,"

*Como o nosso presado collega Os Ridiculos, também andamos de calcinhas na mão á procura d'um valiente que quizesse fazer-nos o nosso innocente semanario, porque na Typographia José Bastos a grande accumulção de trabalhos seus não lhe permittia que ali continuassemos.*

*Mudamos de casa e cá estamos outra vez em scena a ver se conseguimos fazer rir aquelles que, vivendo n'este vale de lagrimas, apenas sentem vontade de chorar.*

# ELEIÇÕES Á PORTA



Emquanto as oposições andam pelos astros tratando das eleições, Elle vae-os gozando cá da terra mais firme do que uma rocha.

## REVELAÇÕES INTERESSANTES

O sr. Steffanina—aquele gordo sr. Steffanina que está sempre á porta do *Brazileira*, do Chiado, e que foi secretario do sr. Eusebio Leão quando este cidadão Leão foi governador civil—publicou ha dias um folheto a que deu o titulo de *Subsidios para a historia da revolução de 5 de outubro de 1910*.

Parece-nos que os leitores muito apreciarão dois capitulos d'esse folheto, que passamos a transcrever para deleite dos *gourmets*.

Começa assim o sr. Steffanina a subsidiar a historia:

Nunca o meu velho amigo José Barbosa, com quem sempre andava, me disse uma palavra sobre os trabalhos revolucionarios!... Sabia eu da organização da carbonaria e dos grupos de valentes que no dia da Revolução deviam fazer cousas que assombrariam o Mundo inteiro; sabia das rivalidades, intrigas, ciúmeiras e mais provas de boa camaradagem e cordealidade dos caudilhos, *sabia de tudo, ou de quasi tudo pela minha lavadeira, que o era tambem de um graduado conspirador e a quem elle tudo contava...*

Tendo vindo do Brazil com a ideia fixa de fazer qualquer cousa para que tivesse um termo a bandalheira em que o Paiz se afundava, tendo abandonado os meus negocios n'uma situação que se apresentava prospera, para vir fazer o que já agora é inutil referir, e que não realisesi porque os meus socios no Rio de Janeiro, Luiz Antonio Pereira e Miguel Fortes, hoje filliados no Centro Democratico Portuguez, houveram por bem denunciar-me ás autoridades portuguezas (1), e, reconhecendo a enormissima vantagem da artilharia civil n'um movimento revolucionario, sabendo que se estavam fabricando bombas de lata, as celebres bombitas da *Acacia*, que de pouco ou nada poderiam servir, procurei, com os camaradas Jayme Tavares e João Borges, fazer umas eguaes ás que tinham sido empregadas pelos japonezes na guerra com os russos; cheguei mesmo a dar a João Borges os desenhos que tinha estudado com Jayme Tavares. Não continuei n'esse trabalho por um amigo me dizer não serem precisas mais bombas, pois que já tinha já alguns milhares d'ellas feitas. Não foram felizmente precisas, mas se o tivessem sido... estavam em casa de *boas pessoas* que não appareceram, evitando uma chacina!...

Em Agosto de 1910, José Barbosa deu-me uma Browning, dizendo-me que talvez me fosse precisa... Tendo-lhe n'essa occasião repetido que estava prompto para *tudo* o que fosse necessario fazer para ajudar a proclamar a Republica, disse-me que na occasião propria eu seria chamado, que já tinha um papel distribuido, que a minha missão era perigosa, mas que sem correr riscos nada se poderia fazer.

No dia 3 d'Outubro á tarde, fui avisado *pela minha lavadeira de que a cousa era para essa noite!*... Fui buscar a casa de José Carneiro, que em logar seguro a guardara, desde o dia da prisão de João Borges, a pistola, e vim para a *Brazileira* esperar. Sabia que José Barbosa, caso me quizesse encontrar, me procuraria ahí e ahí o esperarei.

Vieram dizer-me que o Ricardo Covões tinha estado na *Capital* pedindo para publicar em *grosso normando* um aviso ao Povo, prevenindo-o contra a *intentiona preparada pelo governo e pelos jezuitas*, e pedindo aos Republicanos para se metterem em casa!...

Ora, sabendo eu do Ricardo Covões era o *alter ego* do Dr. Bernardino, o seu secretario particular e o seu porta-voz, ri-me d'esta nova prova de *cordealidade* e esperarei...

Passei duas horas angustiosas, rememorei o que se tinha passado commigo e com os caudilhos da Republica... Nunca nenhum d'elles me tinha dito uma só palavra do que se projectava fazer e pensei por um momento que não lhes teria merecido confiança. E' certo que alguns carbonarios eu conhecia como bufos da policia, innocentes tragabalas, escada faveas e optimos propagandistas do que se ia fazer! E' certo tambem que caudilhos como o Dr. Afonso Costa foram avisados no dia 3 á noite, e outros, como o Dr. Alexandre Braga, não o foram.

Para compensar este desgosto, um dos maiores que tenho tido na minha vida, foi-me dado gozar durante as duas longas horas que estive esperando, a fita mais comica que Pathé poderia engendrar. Que de caras verde-assustado, que de conciliabulos na lha dos Gallegos (2), que de calices de cognac e genebra a *Brazileira* vendeu n'essa tarde!...

A's dez horas da noite appareceu-me José Barbosa.

—E' para hoje, estás armado?

—Estava á tua espera.

Dirigimo-nos para os Banhos de S. Paulo, onde pouco a pouco foram chegando João Chagas, Innocencio Camacho, Dr. Eusebio Leão, José Relvas, etc., etc.

Machado Santos, com a graça que lhe é peculiar, classificando-nos de conspiradores de semicupios... esqueceu-se de dizer que na Rotunda, quando do duelo com a artilharia de Queluz, esteve tomando *banhos de cautelosa prudencia* na cova que havia nas terras do Parque Eduardo VII; esqueceu-se de dizer o estado em que nós, os do semicupio, o encontramos quando na manhã de 4 lhe fomos fallar; esqueceu-se de dizer que ficou na Rotunda porque... o não deixaram sahir... (Relatorio do sargento Gonzaga Pinto, fis. 61 a 68).

(1) Existem as provas no Governo Civil de Lisboa, Ministerio dos Negocios Estrangeiros e Legação do Rio.

(2) Largo em frente da Havanaza, ao Chiado.

Deram-me o santo e senha e encarregaram-me de ir para o Rio esperar o signal (21 tiros), e, logo depois, dirigir-me a artilharia 1 a ver o que ahí se ia passar para os vir informar.

A' uma e dez ouvi da banda do mar *trez* tiros; metti-me no auto, o unico que ahí havia, e mandei-o seguir a toda a velocidade para Campolide. Informei-me de tudo e, depois de já estarem as peças engatadas e a fazer-se a distribuição das munições, dei ordem ao *chauffeur* para se dirigir ao Caes do Sodré, a fim de, parando alli, eu seguir a pé para o nosso Quartel General, achando conveniente não levantar suspeitas com a chegada do auto a um sitio tão ermo.

Quando descia a Rua das Amoreiras, na esquina da Rua S. João dos Bemcasados, um grupo de populares e soldados que ainda do quartel do 16 se dirigiam para artilharia 1, fez fogo sobre o meu automovel... Mandei parar, dei o santo e a senha, que para elles era grego!... Vi a cousa feia e, exaltados como elles estavam, tambem eu me vi grego! *Felizmente algum me conheceu (?) e começou a gritar: «Viva o Dr. Guerra Junqueiro» e logo outros: «Viva o nosso Junqueiro, futuro presidente da Republica»,* o que bem prova que no povo não só se davam vivas ao nosso Dr. Bernardino como *futuro presidente*, como elle ingenuamente disse a um jornalista que o entrevistou quando da eleição presidencial.

Estava eu dando parte ao Directorio do que se passava em artilharia 1, quando á porta do balneario chegou em automovel Marinha de Campos, arrastando a espada e fazendo um grande estardalhaço, o que provou que a minha precaução tinha sido... sei lá o quê!

Pelo telephone diz-nos Soares Guedes, por encargo de Afonso Costa, que a policia tomava posições para nos assaltar, que fugissemos immediatamente. Achei curiosa a ordem, pois minutos antes entrara eu, não encontrando viv'ámos; policia nem meio.

Fez-se, porém, a debandada com algum *entrain*, sahindo-se logo pelas traseiras do edificio e ficando para os ultimos, e que commigo sahiram, José Barbosa e Antonio Maria da Silva; no meu automovel fomos para o escriptorio d'aquelle, onde se passou a scena comico-grotesca que vou tentar referir, o que é difficil por tão grotesca ser...

Segue-se agora uma interessante scena que o auctor intitulou *No escriptorio de José Barbosa*. Tenham a bondade de saborear o piteu:

Doas e meia da madrugada.

—Schii! schii! apaga o phosphoro!

—Schii, não faças barulho!... Se dão connosco aqui, somos fuzilados... schii!...

Era o caso que tendo o escriptorio de José Barbosa na rua do Loreto, n.º 56, 1.º, esquina da rua da Atalaya, e tendo a Guarda Municipal de guarda á Caixa Geral dos Depositos destacado vedetas para a rua das Chagas (isto é a mais de cincoenta metros de distancia) temia o chefe carbonario que ellas ouvissem o ruido dos nossos passos, com as janellas fechadas, e nos viessem fuzilar!...

Sentados no gabinete interior, esperámos!... Fui-me chegando para a janella...

—Schii, não faças barulho!...

Passa uma força, creio que de infantaria 2. No silencio algido d'aquella noite pavorosa só se ouvia o ruido dos cadenciados passos dos soldados que passavam e a voz abafada e compungida do Antonio Maria da Silva:

—Vão contra nós... está tudo perdido... é um desastre. Que grande desgraça!... schii... se nos descobrem aqui, somos fuzilados...

Na rua quasi ninguém... silencio de morte... Farto d'essa ridicula situação, disse:

—Meus amigos, aqui não se faz nada; vamo-nos embora?

*Fallo, ninguém me responde!*

Passa-se mais uma boa meia hora que José Barbosa e Antonio Maria levam a ler e reler uns papéis, que depois vim a saber serem as listas com os nomes dos membros do Governo Provisorio, Governadores Civis e outras autoridades a quem a Carbonaria dos telegraphos (1) devia comunicar a proclamação da Republica, papéis de que tomei posse nas circumstancias seguintes:

Aclarava o dia; viam-se passar já operarios, a rapaziada dos jornaes, as vendedeiras ambulantes que vão á praça da Figueira fazer o sortido para a sua peregrinação pelos bairros pobres, e toda essa camada negra de proletarios que quasi não dorme para ganhar com que morrer de fome. Vimos passar o Tavares de Macedo com a competente e inseparavel capa de boyracha e bengalinha. Vinha com os olhos de quem tinha dormido bem a noite.

Envergonhado da nossa e, sobretudo, da minha situação, disse terminantemente:

—Meus amigos, vocês ficam, mas eu vou-me embora; aqui não se faz e não se sabe nada; vou ver o que ha e voltarei a trazer noticias.

—Sim, é melhor ir embora; d'aqui a nada veem, certamente, passar uma busca e... somos fuzilados!

(1) E' curioso o que se passou com esta secção da Carbonaria; bastará, porém, dizer que o telegramma para de Abrantes partir para Lisboa a força de caçadores 1 foi transmitida pelo proprio chefe do grupo A Lameiras. Quando se tratou das promoções, um gabriú que tem a alcunha de *Gazometro*, que tinha estado sempre em casa, disse:

—Se eu não fôr tambem promovido, canto tudo.

E' claro que tambem foi promovido e só cantou isto.

N'esta altura, o chefe da Alta Venda tira da algibeira a tal papalada e propõe «*queimal-a, deital-a na retrete e fazer correi a agua para evitar que seja apanhada e... sejamos fuzilados*». Disse-lhe que me parecia receio exaggerado, que esses apontamentos nos podiam fazer falta e que o melhor era guardal-os...

— Não, isso não, eu não os levo, sou conhecidissimo e se me apanham com os papeis... sou fuzilado!

Para um chefe carbonario era demasiada cobardia; tomei-lh'os das mãos e guardei-os na minha algibeira. Calculava que depois d'isto iriamos sahir, mas qual!... o nosso Silva, era cauteloso, tinha ainda a pistola terrivel, que tanto trabalho e tantos riscos fizera correr a quem a passára na fronteira; não queria sahir com ella, com receio de ser fuzilado; queria deital-a na retrete!... Fiz notar ao engenheiro que, não sendo molle, não podia passar pelo syphão... Queria por fim deital-la na caixa do autoculismo!... Interveio então José Barbosa, que o quiz convencer a não sahir desarmado; mas qual historia, o raio da pistola era um perigo... Tive que cortar a discussão propondo leva-la eu, visto que, tendo já os papeis e a minha pistola, não fazia diferença mais uma, antes pelo contrario: se tivesse que emigrar, sempre me renderia algumas pestas.

Sahimos então, já era dia claro. Encontrámos José Carneiro e com elle fomos rua das Gaveas acima; a meio da rua vimos o povo fufundo, e como estivessemos á porta do meu escriptorio d'«A Lanterna», entrámos, indo eu pouco depois ver o que se passava em S. Roque e que nada mais era do que a Guarda Municipal... em evoluções e matando um guarda-portão.

Tinha o ar da manhã refrescado os cerebros e... *abantaçámo-nos* até á pharmacia Durão, no Chiado: do que ahí se passou tambem se fazia um capitulo interessante. Não o faço eu porque não quero monopolizar os relatos comicos da Revolução, e os monopolios são contra o querido programma do partido republicano... do Arthur Costa. Espero que entre as muitas pessoas que ahí se achavam, alguma se resolva a fazel-o. Recordo ter ahí visto, além do proprietario da pharmacia e do seu ajudante, Antonio Ferreira e Vasco Duque, os amigos Israel Anahory, Malva do Valle, Feio Terenas, Pires Pereira, Dr. Carneiro Franco, Dr. Emilio Mendes, etc., etc... Depois de longa, acalorada e ridicula discussão, em que o chefe carbonario Antonio Maria da Silva mais uma vez deu provas da sua prudencia (1), fez-se a debandada sem nada se ter resolvido; o Antonio M. da Silva disse que ia ver a mãe, que já não a via ha tres dias! José Barbosa e Terenas (2) foram (soube-o depois) para o consultorio do dr. Eusebio Leão...

Sahi sem destino e com vontade de morrer... Tanto medo, tanta cobardia... Dei ao amigo Ferreira os celebres papeis, pedindo-lhe para os fazer chegar ás mãos de José Barbosa se o movimento vingasse, ou os inutilizar no caso contrario.

Não commentaremos o que ahí fica dito pelo sr. Steffanina para não tomar mais espaço por hoje, visto que outros assumptos pedem a nossa attenção. Mas os leitores por certo se encarregarão d'esse serviço.

(1) Tambem quiz deixar na pharmacia a pistola que tantas cocegas lhe fazia, o que não conseguí. Disse ao Ferreira: *ponha-a n'esse frasco de basaltão, ninguém dará por ella*. Soube mais tarde que a tinha impingido ao sobrinho Abilio Sequeira.

(2) O estribillo d'este era «*o meu filhinho!*... cuidados de pae? Não; cuidados de republicano que continha as prendas da vergontea querida. O Terenin as fem sido em 2 annos: engenheiro da Camara Municipal de Setubal, professor do Lyceu Maria Pia, secretario do Ministro do Fomento, inspector (em Lisboa) do material circulante do Minho e Douro, e... chefe interino da repartição do ensino commercial e industrial de Lisboa!

## LINDINHOS

Consta-nos que algumas alminhas bem intencionadas propararam, quando foi de 21 d'outubro, que nós tinhamos fugido em seguida a esse incidente politico. Santinhos! Se fallarem sempre verdade assim, são dignos do maior credito, não ha duvida.

Fugir, porquê? Por sermos thalassas? Por não sermos republicanos? Se estas razões fossem sufficientes para constituir crime, então... batatas! Mas, não. Apesar de tudo ainda não se chegou a tal apuro, e para honra dos governantes apraz-nos acreditar que nunca se chegará a tanto.

Olhem, lindinhos: n'esta casa ninguém fugiu, nem tenciona fugir, porque não tem motivos para isso, e onde temos estado sempre tem sido nas nossas respectivas casas, com as nossas respectivas familias, com excepção do nosso camarada Jorge Colaço, que pernoitou de 21 para 22 do corrente... no calabouço d'administração d'Oeiras, por uma falsa denuncia.

A vida de todos nós é bem publica e todos os passos, tanto *passados* como *presentes*, podem ser vigiados á vontade, que até estimamos, para que se convençam que thalassa não é synonimo de conspirador, podendo-se perfeitamente ser uma coisa sem ser outra.

Mas nós bem conhecemos quem são algumas das boas alminhas que se entreteem a dizer estas coisas, e ainda melhor o que lhes doe.

Lindinhos!...

## “O THALASSA”

(Serviço de administração)

### COBRANÇA:

Rogamos aos nossos assignantes a fineza de satisfazerem, logo que lhes sejam apresentados, os seus recibos relativos ao 2.º semestre, a cuja cobrança estamos procedendo.

A falta de pagamento, além de prejudicar grandemente o indispensavel equilibrio financeiro d'«O THALASSA», obrigar-nos-hia a suspender immediatamente a remessa, o que nos seria bastante desagradavel, embora não haja coisa mais logica.

Ainda não estamos bem seguros do «*methodo orçamentologico*» do «*grande mestre*», e d'ahí a urgencia do nosso pedido, cuja importancia se reconhece «*a priori*».

## THEATROS

**NACIONAL.** — A's 9. — A grande actriz italiana Italia Vitaliani, que se encontra n'esta capital e que o nosso publico tem admirado com verdadeiro enthusiasmo, deve estar satisfetissima com a calorosa manifestação de apreço que lhe foi dispensada por um escolhido e numeroso publico que enchia a elegante sala do theatro Nacional.

O notabilissimo talento da celebre actriz Vitaliani, mais uma vez foi posto á prova, evidenciando-se de uma forma verdadeiramente brilhante na *Fedora*, a famosa peça de Victorien Sardou.

Vitaliani interpretou de tal forma o personagem, que valeu á insigne artista nos finais dos actos repetidas chamadas.

Compartilharam tambem com justiça dos applausos os srs. Bodda, Riba e a sr.<sup>a</sup> Vainati, que demonstraram serem artistas de merito.

**REPUBLICA.** — A's 9. — Reappareceu pela primeira vez n'esta epocha a famosa peça de Ruy Chianca, *Aljubarrota*, que teve bom acolhimento.

**TRINDADE.** — A's 9. — Continua com geral agrado em scena *A Mulher de marmore*, em que tão enthusiasmos applausos provoca o delicioso canto de Maria Judice da Costa.

— Vão bastante adeantados os ensaios da *Princesa dos Dollars*, sabendo-se que a protagonista está sendo ensaiada pela talentosa actriz Judice da Costa.

**AVENIDA.** — A's 9. — *Flor da Rua*, peça de grande successo theatral, continua a ter enchesentes todas as noites, apesar de já ter comecado a venda para as oito primeiras representações da *Rainha das rosas*, notavel peça comica de Leoncavallo, auctor dos *Palhaços*, com que fará a sua reaparição a notavel actriz Palmyra Bastos.

**APOLLO.** — A's 9. — *A canção do trabalho*, arrego de Penha Coutinho, musica dos maestros Lopez del Toro, Fuentes e Filipe Duarte.

A scenographia é de Luiz Salvador e o guarda-roupa do *costumier* Castello Branco.

Apresenta-se pela primeira vez a actriz cantora Adriana de Noronha.

Jorge Grave e Mitilina Neves fazem n'esta peça a sua primeira apresentação como artistas.

**GYMNASIO.** — A's 9. — Continua agradando immenso a comedia *A vizinha do lado*, a ponto de se encher todas as noites esta sala de espectaculos.

**RUA DOS CONDES.** — A's 8 1/2 e 10 1/2. — A revista *Peço a palavra* continua no seu verdadeiro successo, tendo todas as noites os seus auctores chamadas especies.

— Um dos compadres da revista *Pathé Jogral*, que se encontra em ensaios, será representado por um cabo da guarda fiscal, estando a sua interpretação ao cuidado do actor Alvaro Cabral.

**COLYSEU DOS RECREIOS.** — A's 9. — Succedem-se todas as noites estreias de primeira ordem, que nunca o publico frequentador do Colyseu teve programma tão variado.

*Vasco*, o extraordinario artista musical, a celebre troupe das sete *Trank Gregorys*, malabaristas com aros.

**FANTASTICO.** — A's 8 1/2 e 10 1/2. — A revista *Grande fita* continua chamando a este theatro bastante concorrencia.

A bailarina e coupletista Salud Roiz foi mais um bom elemento que a empreza contractou.

## ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

**Salão Foz.** — Continuum a agradar a eminente e coupletista Pepita Sevilha, os duettistas Les Cornetas e os celebres gymnastas portuguezes os Silvas.

**Salão da Trindade.** — Rua da Trindade.

**Terrasse.** — Rua Antonio Maria Cardoso.

**Olympia.** — Rua dos Condes.

**Central.** — Avenida da Liberdade.

**Chantecler.** — Praça dos Restauradores.

# LUA NOVA



Emfim sós!...